

A Ilha Do Porto Santo E Dois Exercícios Fonéticos

PORTO SANTO ISLAND AND TWO PHONETIC EXERCISES

Helena REBELO¹

Resumo: A aprendizagem da transcrição fonética por parte de estudantes universitários não é tarefa fácil. A influência da escrita aprendida durante o percurso escolar tende a impedir o aprendiz de transcritor de perceber o que ouve e deve transcrever. A Ortografia parece condicionar, assim, a aprendizagem da Fonética, interferindo nos desempenhos dos universitários da área das Humanidades. A fixação gráfica da escrita e a flutuação da fala tornam-se difíceis de conciliar na tarefa da transcrição fonética de segmentos áudio fáceis de entender, como no caso de um topónimo conhecido. É o que se pretende demonstrar com dois exercícios fonéticos com base no topónimo da ilha de Porto Santo (Arquipélago da Madeira-Portugal). Confronta-se uma análise de espectrogramas (primeiro exercício) e as propostas de transcrição a partir de um teste perceptivo (segundo exercício), verificando-se que as propostas de interpretação não coincidem integralmente, sobretudo para as vogais átonas. Os resultados do teste de percepção revelam um leque considerável de interpretações que estão condicionadas pela escolarização e a aprendizagem da escrita, sobrepondo-se esta à primazia da oralidade, que se tende a subvalorizar em detrimento do registo ortográfico, o que não tem tanta relevância para quem empreende estudos no âmbito da Fonética. Os estudantes deverão aprender a revalorizar a fala para a poderem descrever.

Palavras-chave: Porto Santo. Ortografia. Fonética. Exercícios.

Abstract: It is not an easy task for university students to learn phonetic transcription. The influence of writing learned during several years of regular school complicate all when the apprentice needs to hear a message and must transcribe it. Spelling seems to affect the learning of Phonetics because this knowledge interfere with the performance of these students. For them, it is difficult to put together writing and speech when they have to make a phonetic transcription of audio segments, as in the case of a common word like the name of an island they know very well. This is what we intended to demonstrate with two short phonetic exercises based on the name of Porto Santo (Madeira Archipelago, Portugal). We but side by side one analysis of spectrograms (first exercise) and the results of transcriptions from an audio test (second exercise). Both interpretations do not fully coincide, particularly for unstressed vowels. The results of the test give us interpretations conditioned by the learning of writing. This show the secondary place of speech for these students but, in Phonetic studies, writing is not so important and they have to learn it because they will need do describe speech.

Keywords: Porto Santo. Spelling. Phonetics. Exercises.

¹ Professora Auxiliar do Departamento de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, doutorada (com pós-doutoramento) em Linguística Portuguesa. Vogal da Associação Internacional de Lusitanistas. Endereço eletrônico: helenreb@uma.pt.

A noção de “ilha”: da ideia individual à definição comunitária

Geralmente, a noção de “ilha” que se tem é a de um pedaço de terra arredondado, rodeado de mar, distinguindo-se, por isso, de “península”. Num imaginário infantil, confunde-se com um lugar de areias douradas com palmeiras pelo meio. Lembra os naufrágios, as mensagens com pedidos de socorro dentro de garrafas lançadas ao mar, o isolamento total de, por exemplo, Robinson Crusoe, que acaba por se adaptar ao espaço limitado e às novas circunstâncias bastante adversas. A ilha deste persistente imaginário infantil e juvenil corresponde, também, a um paraíso perdido, onde seria bom viver isoladamente e que deixaria saudade se se abandonasse. Contudo, por se tratar de um território extremamente circunscrito e limitado, muito reduzido, seria fácil dar a volta à ilha em pouco tempo. Esta poderá ser a ideia de “ilha” de alguém que não é ilhéu. Quem o é, não terá essa visão, por ter uma experiência individual que lhe vai marcar essa noção. Contudo, a definição de “ilha” não muda segundo os indivíduos. Uma das possíveis é a seguinte: “1 Rubrica: geografia. porção de terra não tão extensa quanto um continente e cercada de água por todos os lados” (HOUAISS: 2001).

Quando se mora numa ilha como a da Madeira (a maior do Arquipélago da Madeira-Portugal), já não se transportam vestígios deste imaginário. Aliás, conhecendo o espaço insular dos mapas, a Madeira (tanto a ilha em si como o arquipélago) representa, para muitos continentais, uma espécie de fim do mundo, florido, longínquo e isolado. Após uma vivência nesta ilha, tudo muda e, muitas vezes, nem se sente que se vive numa terra rodeada de mar porque se passam os dias longe da beira-mar. Além disso, há mesmo inúmeros madeirenses que não sabem nadar e que não vão à praia, ficando frequentemente pelos poços de água particulares, servindo de piscina aos mais novos. Constituindo um meio diferenciado, com o Porto Santo, a impressão costuma ser diversa da que a Madeira causa. É desta ilha, descoberta² e povoada no século XV, que se trata aqui. Percorrer de lés a lés este limitado e circunscrito território, próximo da costa africana, faz-se num dia, embora para o conhecer nos ínfimos recantos seja indispensável mais tempo. Fora da época estival e do período pascal, o silêncio, que se sente em qualquer parte, mesmo se, por vezes, já surge quebrado por sons de motores, é marcante. A única cidade da ilha, conhecida por Vila Baleira, não tem uma vasta extensão e é um centro pitoresco,

² É problemático o termo “descoberta” porque a ilha do Porto Santo era já conhecida. Ver, por exemplo, “Lendas do Descobrimento” e “O Arquipélago na cartografia dos séculos XIV e XV”, in *História da Madeira*, coordenação de Alberto Vieira e colaboração de Abel Soares Fernandes, Emanuel Janes e Gabriel Pita, Funchal, Secretaria Regional da Educação, 2001. Ver também, por exemplo, *Viagens Românticas na Ilha do Porto Santo, Notícias*, António Carvalho da Silva e João Adriano Ribeiro, Funchal, Calcamar, 1998.

onde os habitantes locais afluem, diariamente, por causa dos mais diversos serviços. A sua praia com 7-9 km atrai visitantes, sobretudo no período do estio, descaracterizando-se a vários níveis, inclusive linguístico, com uma população turística, madeirense, continental e estrangeira, considerável.

A ilha do Porto Santo

O Porto Santo³, a ilha de onde era originária a mulher de Cristóvão Colombo e onde ele terá permanecido durante algum tempo, tem uma superfície de 41 km². O Censo de 2001 revelou que a população era de 4 474 habitantes, confirmando o de 2011 que continua inferior a 5 000. É completamente distinta da Madeira, a vários níveis⁴, nomeadamente em termos de vegetação⁵. O dragoeiro⁶ continuou a persistir, mesmo se em menor número, embora haja uma plantação para a sua recuperação na encosta do Pico Castelo, do lado do Dragoal. Os nomes dos locais transportam histórias de sentidos e mereceriam um estudo semântico aprofundado.

O nome da ilha é um enigma. Haverá, pelo menos, duas versões para a sua origem⁷. Uma conta que os navegadores portugueses, depois de passarem por uma tempestade, aportaram no extenso areal sãos e salvos. Daí aquele “Porto” ser “Santo”. A outra versão refere que os navegadores lhe atribuíram a qualidade de “Santo” por ali terem chegado em dia de Todos os Santos. Não é relevante, agora, investigar este assunto em particular porque interessa, apenas, o

³ Os habitantes, por falta de outros alimentos, nutriam-se, e continuam a fazê-lo, de plantas que crescem espontaneamente. Os cardos ou “pencas”, como se ouvem chamar, eram umas dessas plantas. Será importante não esquecer, ainda quanto à vegetação, as palmeiras cujas palmas são aproveitadas para o fabrico manual de diversos artefactos tecidos: chapéus, sacos, etc. Para as festas, com elas, faziam-se os palmitos, um entrançado feito de tiras de folhas de palmeira que era, e é, usado como enfeite em momentos festivos. No mar, o pontão que agora serve de lugar de pesca a uns quantos pescadores, permitia, em tempos, o desembarque de passageiros, ligando a água do oceano à terra firme. As mercadorias também vão chegando por via marítima, provenientes da Madeira. O casario é pequeno e disperso, concentrando-se aqui e ali. No centro, na recente cidade do Porto Santo, encontram-se casas antigas, conhecidas como as casas de salão, devido à cobertura de massa que as recobria, e edifícios novos, como o do mercado que foi, entretanto, encerrado por já não servir a população, visto estar a habituar-se aos supermercados que começam a proliferar. O Porto Santo era uma terra de moinhos de vento. Cultivavam-se cereais que se recolhiam nas eiras como as do Pedregal que estão, há já algum tempo, também elas, abandonadas. Nesta zona, havia também pontos de onde se vigiavam as baleias que, em tempos, se queriam caçar, conhecendo-se, por isso, uma ligação com o Caniçal (Madeira) e os Açores. Ainda se encontram alguns.

⁴ Cf. Helena Rebelo “Porto Santo. Impressões Gerais e Linguísticas”, in *Revista Xarabanda*, nº 14, Funchal, Associação Musical e Cultural Xarabanda, 2003, 16-22.

⁵ Consultar, a título exemplificativo, o artigo de Henrique Costa Neves “Porto Santo: a Vegetação Primitiva, Presente e Futura”, in *Islenha*, nº6, Funchal, DRAC, Janeiro-Junho de 1990, 117-123.

⁶ Ver, por exemplo, João Lizardo “Algumas Representações de Dragoeiros na Arte Europeia na Transição dos sécs XV e XVI”, in *Islenha*, nº 19, Funchal, DRAC, Julho-Dezembro de 1996, 44-52.

⁷ Cf. Francisco de Freitas Branco “Porto Santo e o dia dos Santos”, in *Porto Santo. Registos Insulares*, Porto Santo, ed. do autor, 1995.

nome que lhe atribuíram: “Porto Santo”, que se pode equiparar a designações como “Porto Covo”, “Porto Alegre” ou “Porto Seguro”, constituídas pelo nome comum “porto” e por uma qualidade que se lhe reporta: “santo” (sagrado porque salvífico?), “covo” (com profundidade), “alegre” (que dá felicidade?), “seguro” (motivador de segurança porque resguarda). Pelos sentidos, todas estas qualidades partilham de uma visão positiva relativa ao “abrigo” que aqueles portos foram para, provavelmente, navegadores a necessitarem de terra firme. Aliás, nos sinónimos dicionarizados para “abrigo” ocorre “porto” (HOUAISS: 2001). Decerto, isso explica a expressão “chegar a bom porto” com um valor indubitavelmente positivo. O nome da ilha é, então, um composto de dois elementos: um principal “Porto” e um secundário “Santo”. Isolados, “Porto” e “Santo” correspondem a realidades distintas. Todavia, quando associados e grafados com maiúsculas, só têm um único referente, isto é, apontam para uma única realidade extralinguística, uma das ilhas do Arquipélago da Madeira, e valem em conjunto, não se podendo dissociar. O tema que a explicação do topónimo motiva daria, por si, um trabalho de investigação semântica de interesse, mas pretende-se, aqui, uma abordagem fonética para compreender como o nome da ilha é articulado e captado por falantes nativos.

Nesta área, tendo por base dados que constam de uma tese de doutoramento⁸, subdivide-se este estudo fonético em duas partes, isto é, dois breves exercícios. O primeiro, mais geral, reporta-se à análise de espectrogramas de ficheiros áudio (em formato WAV) onde é segmentado o referido topónimo. O segundo parte, um pouco mais específico, apresenta os resultados de um teste perceptivo a partir de três WAVES com “Porto Santo”. Pretende-se, com ambos, verificar até que ponto a análise espectral corresponde à percepção dos falantes. Como percebem os falantes fenómenos de redução vocálica? Que impressões têm os falantes? Serão as vogais finais relevantes para a interpretação auditiva do sinal sonoro em mensagens reduzidas? Esta é a tónica deste estudo que vai da análise de espectrogramas à interpretação impressiva do sinal sonoro.

Um exercício fonético: análise de espectrogramas

Como ficou claro, não é tanto a ilha em si que interessa considerar, embora seja importante dá-la a conhecer, nem a designação que lhe atribuíram. O topónimo serve para demonstrar a diferença existente entre a escrita e a oralidade, isto é, a dinâmica da oralidade e a

⁸ Trata-se de uma tese inédita, intitulada *O Falar do Porto Santo. Contribuição para o Estudo do Vocalismo e Algumas Considerações sobre o Consonantismo*, Universidade da Madeira, 2005.

estabilidade da escrita, a partir da combinação de <porto> e <santo>. É conhecida a ortografia deste nome composto, <Porto Santo>, com um total de dez letras, <p-o-r-t-o-s-a-n-t-o>. Os dois elementos justapostos sem hífen constituem uma única forma⁹. Portanto, tendo em conta apenas o acento principal, juntos, têm uma sílaba tónica¹⁰ <san> e a transcrição fonética padronizada [portu'sẽtu]¹¹ terá nove fones¹². Se se considerar a validade destes dados, nota-se, já aqui, uma diferença mínima entre a escrita e a oralidade. Além do mais, com programas de análise de voz, como PRAAT, MultiSpeech, Speech Analyzer ou Speech Station2, é possível visionar os espectros dos fones articulados e descrevê-los com base nos espectrogramas que se obtêm. O programa usado para este trabalho foi o último dos quatro mencionados.

Para <Porto Santo>, escolheram-se seis ocorrências das gravações realizadas na ilha, entre 2002 e 2004 e que constam do “corpus” áudio da tese de doutoramento *supra* referenciada. Retiveram-se estas para não alongar muito a exposição e porque servem, perfeitamente, para o que se pretende demonstrar: as discrepâncias entre o que é articulado (dito) e o que é captado (ouvido) diferem substancialmente, dando origem a uma reconstrução sonora por parte de quem ouve. As três primeiras ocorrências pertencem a habitantes autóctones (um homem-H, I36, e duas mulheres-M, I03 e I06¹³). Segmentaram-se os discursos para se guardar unicamente a ocorrência pretendida, <Porto Santo>. Juntaram-se aos espectrogramas as transcrições fonéticas

⁹ Ver Jorge Morais Barbosa – *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*, Coimbra, Almedina, 1994, p. 75: “Designa-se por *sintema* qualquer combinação de monemas que se comporta sintacticamente como um monema único; por ex., *guarda-chuva*, composto por dois monemas, tem as mesmas compatibilidades que o monema único *chapéu* e por isso qualquer determinação que nele incida, como *preto*, incide no conjunto e não em qualquer um dos dois monemas.” Portanto, é possível concluir que <Porto Santo> é um sintema.

¹⁰ *Idem, ibidem*, pp. 129-130: “Ao fenómeno da intensidade, acompanhado das outras características físicas que comporta, damos em linguística portuguesa o nome de *acentuação*, e chamamos *acentuados* os segmentos que comportam o *acento*, ou seja, intensidade maior do que a que se encontra noutros segmentos, ditos *inacentuados* ou *não acentuados*. Note-se que, embora fisicamente se possam encontrar vários graus de intensidade, em português apenas se distingue, funcionalmente, entre acentuado e não acentuado, ou seja, entre presença e ausência do acento, o que quer dizer que há apenas um acento”. Deste modo, considerando-se <Porto Santo> um sintema terá apenas um acento, mesmo se isolados <porto> tem uma sílaba tónica, <por>, e <santo> outra sílaba tónica, <san>. Todavia, a combinação de ambos terá uma sílaba tónica <san>. Mesmo assim, há quem fale em acento principal e acento secundário para casos como os advérbios de modo como, por exemplo, <admiravelmente>. É o que sucede com a gramática de Lindley Cintra e Celso Cunha (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 1984, Lisboa, Sá da Costa, 1995).

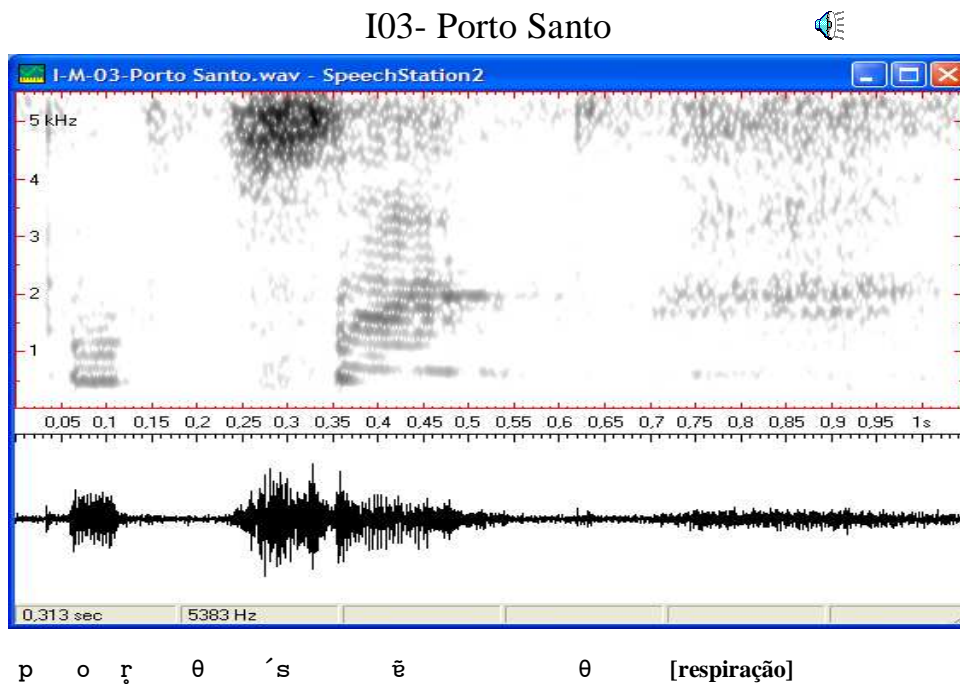
¹¹ Os termos “som” e “fone” são empregues como sinónimos. Assim, na transcrição fonética, a um som (ou fone) corresponde um único símbolo. Há vários alfabetos fonéticos, mas habitualmente, usa-se o Alfabeto Fonético Internacional, com, todavia, algumas adaptações para cada língua. Ver, por exemplo, John Wells e Jill House – *The Sounds of the International Phonetic Alphabet*, UCL (University College London), London, Department of Phonetics and Linguistics, Listening Centre Office, 1995, booklet and cassette.

¹² *Idem, ibidem*, pp. 59-60, ver o conceito de “elemento reduzido” relacionado com o de coarticulação. Muitas vezes, ao ouvido, torna-se perceptível um som entre a vogal nasal e a consoante oclusiva seguinte. Todavia, nem sempre é representado nas transcrições fonéticas que consideram haver apenas uma vogal nasal representada, neste caso, por [ẽ] - <an>.

¹³ O I significa “informante” e o número corresponde à identificação dos informantes (cf. Anexos da tese de doutoramento mencionada).

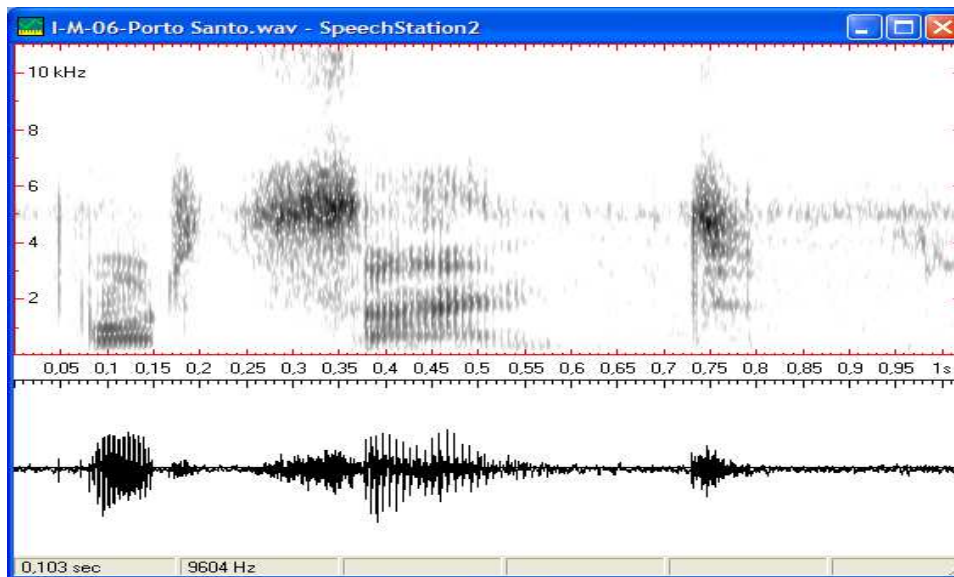
que se lhes atribuiu¹⁴. As designações dos espectrogramas são aleatórias e serviram para evitar a identificação dos informantes da ilha. As outras três são da própria entrevistadora (I-M-MH) e fazem parte do discurso introdutório das gravações, onde se indicavam o local e a data das entrevistas aos informantes. Estas servem unicamente de ponto de comparação para verificar especificidades dos falantes nativos relativamente à articulação do nome da sua terra. Portanto, são as três ocorrências autóctones que importa realçar e que motivam o estudo perceptivo.

I03- Porto Santo



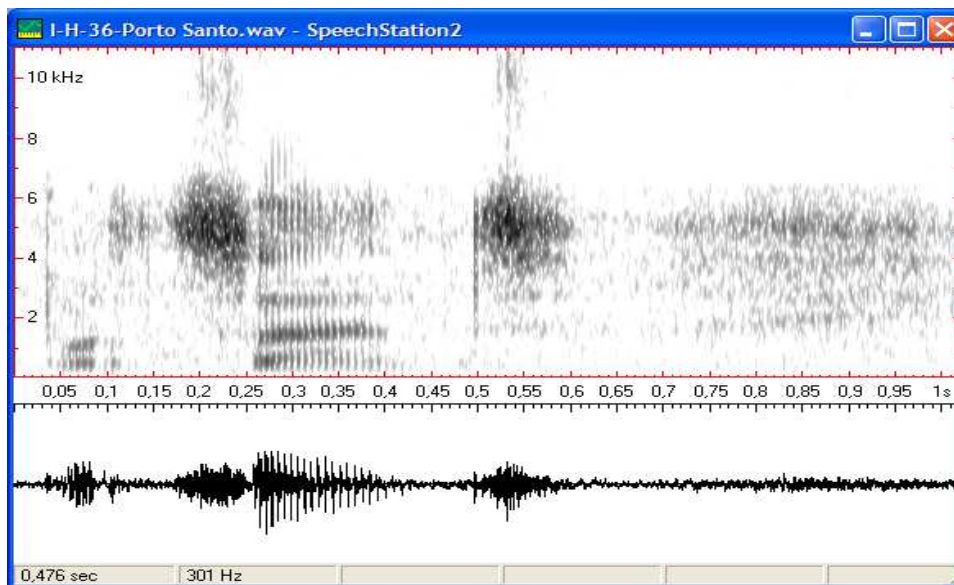
¹⁴ Por razões de formatação, nas transcrições fonéticas, o acento primário é assinalado com um símbolo parecido com um apóstrofo “'”, mas corresponde ao sinal suprasegmental “´”.

I06-Porto Santo



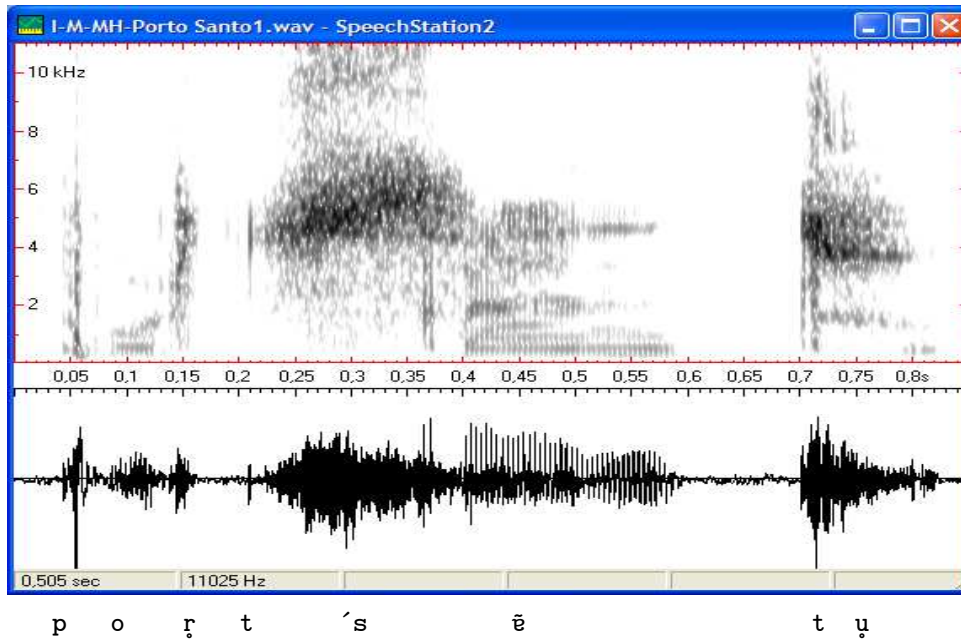
p o r θ ' s ê t u

I36-Porto Santo

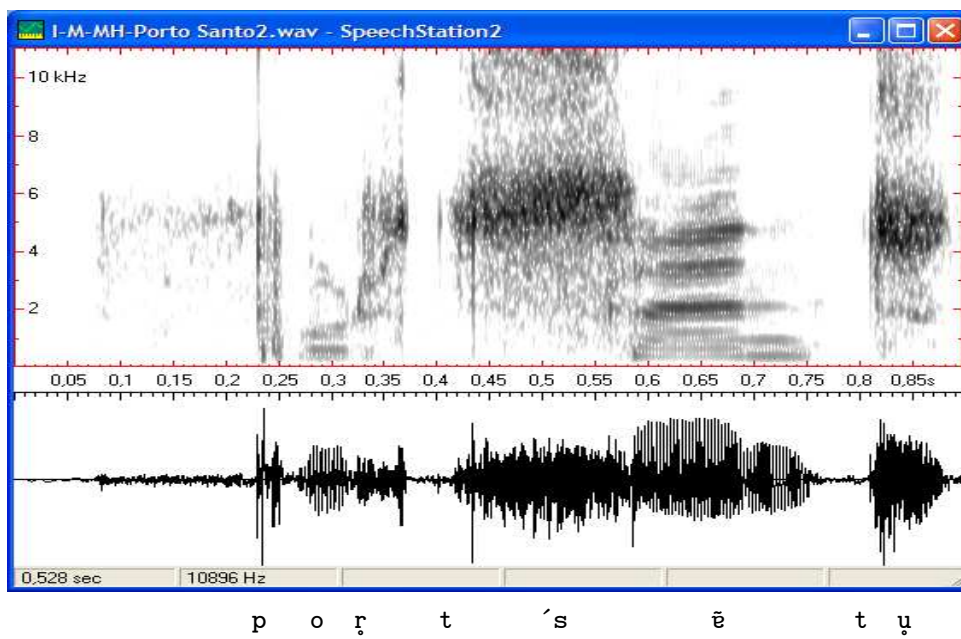


p o r θ ' s ê t u [respiração]

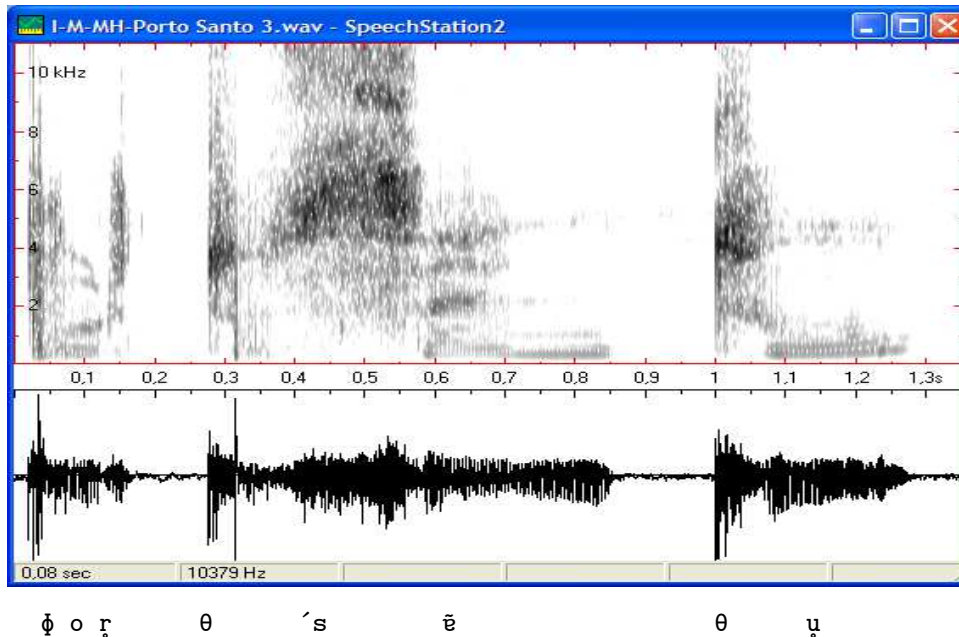
I-M-MH-Porto Santo-1



I-M-MH-Porto Santo-2



I-M-MH-Porto Santo-3



Comparando os seis espectrogramas, é possível tirar algumas ilações com base na análise espectral do topónimo <Porto Santo>, quer nas produções sonoras dos falantes originários da ilha do Porto Santo, quer nas da entrevistadora, oriunda de outra zona de Portugal. Pensando, por exemplo, na diferença existente entre a oralidade e a escrita de uma língua viva como o Português, e se a grafia representasse, fiel e univocamente, a oralidade, obter-se-iam formas como as indicadas a negrito (“reescrita grafofónica”), junto das transcrições fonéticas conseguidas no quadro 1. Nestas grafias (“reescritas”), as letras entre colchetes representam a tendência para o ensurdecimento, com grande enfraquecimento, e o apóstrofo indica a fricativização das oclusivas.

Quadro 1 – As transcrições fonéticas e a sua “reescrita grafofónica”

<u>Informantes do</u>	<u>Porto Santo</u>	<u>Entrevistadora</u>	
poʁθ' sēθ	I03_Po[r]t' Sant'	poʁt' sētʉ	1_Po[r]t Sant[o]
poʁθ' sētʉ	I06_Po[r]t' Sant[o]	poʁt' sētʉ	2_Po[r]t Sant[o]
poʁθ' sētʉ	I36_Po[r]t' Sant[o]	φoʁθ' sēθʉ	3_P'o[r]t' Sant'[o]

A partir da análise dos espectrogramas e da síntese das transcrições que constam do quadro 1, é possível apresentar 7 observações: 1- Queda, em todas as ocorrências, da primeira

vogal [u] ([portu'sētu] → [port'sētu]), 2- ensurdecimento ou desaparecimento da vogal final [u] ([portu'sētu] → [port'sētu] ou [port'sēt]), 3- Frequente fricativação da consoante [t]- [θ] / <t> - <t'> ([portu'sētu] → [porθ'sēθ] ou [porθ'sēt]), 4- Uma fricativação de [p] - [ϕ] / <p> - <p'> ([portu'sētu] → [ϕorθ'sēθ]), 5- Enfraquecimento e ensurdecimento da vibrante, a única consoante sonora, cujo espectro, juntamente com o da consoante seguinte, é muito pouco perceptível ([portu'sētu] → [porθ'sēθ]), 6- Para cada elemento do composto, maior duração da vogal tónica e enfraquecimento da vogal átona ([portu'sētu] → [pörθ'sēθ]) e 7- A sílaba tónica do composto permanece inalterada, com, supostamente, forte concentração de energia ([sē] → [sē]).

Pensando ainda na relação entre Fonética e Ortografia, o quadro 2 permite contabilizar o número de fones por ocorrência. A escrita adaptada ou “reescrita grafofónica” segue esta contagem. Torna-se evidente a discrepância entre o registo ortográfico e o sonoro visualizado nos espectrogramas.

Quadro 2. Relação número de sons e escrita adaptada

<u>transcrições</u>	<u>número de fones</u>	<u>escrita adaptada</u>
porθ'sēθ	7 fones	Po[r]t' Sant'
porθ'sētu	8 fones	Po[r]t' Sant[o]
porθ'sētu	8 fones	Po[r]t' Sant[o]
port'sētu	8 fones	Po[r]t Sant[o]
port'sētu	8 fones	Po[r]t Sant[o]
ϕorθ'sēθ	8 fones	P'o[r]t' Sant'[o]

Com a contagem dos fones articulados nestas seis ocorrências, considera-se que os que se indicaram como ensurdecidos ainda se mantêm, embora possam estar parcial ou totalmente ensurdecidos¹⁵. Por este motivo, contabilizaram-se. Há apenas uma ocorrência com sete fones e as restantes apresentam-se com oito. Portanto, as dez letras, às quais corresponderiam nove fones, estão representadas por oito ou sete. A diferença numérica não é substancial, mas prova que a oralidade é dinâmica porque aceita a variação, tanto num mesmo falante (cf. produções da

¹⁵ O ensurdecimento não é desaparecimento, mas assinala uma tendência para a queda de um elemento que se esperaria ter sido articulado.

entrevistadora), como em falantes diferentes (cf. espectrogramas dos nativos e os da entrevistadora). Assim, a análise espectral do sinal sonoro é uma fase importante do estudo linguístico para compreender a vitalidade da fala e a sua dinâmica, já que os falantes articulam diversamente lexemas que, a nível ortográfico, estão cristalizados, mas que, foneticamente, são variáveis, embora haja constantes. As vogais acentuadas (com acento principal e secundário) parecem constituir, a par de algumas consoantes que as circundam, os pontos, em princípios, fixos e invariáveis. Por vezes, pode suceder que sejam atingidas pela articulação, mas os fenómenos de que são alvo não as deterioram como sucede com as vogais não acentuadas. É *grasso modo* o que se depreende do teste perceptivo aplicado a partir das WAVES dos informantes autóctones.

Segundo exercício fonético: teste perceptivo

Realizou-se um teste de percepção com 31 estudantes universitários de 1º ano de licenciatura, depois de terem tido uma iniciação à Fonética. Propôs-se que ouvissem as três realizações áudio de “Porto Santo” ditas por I03, I06 e I36 e que as transcrevessem. Deu-se-lhes a possibilidades de ouvirem as vezes que quisessem os três ficheiros sonoros, a fim de chegarem a uma transcrição fonética única para cada uma das gravações. Tornou-se o teste o mais natural possível, sem lhe adicionar qualquer outra realização sonora. Para facilitar, também não se optou por misturar aleatoriamente as três realizações repetidas vezes. Aqui, interessava realizar um exercício auditivo breve, numa situação comunicativa sem artificialismo. Cada inquirido, conhecedor dos conhecimentos essenciais da transcrição fonética, foi transcrevendo numa folha de papel o que captou. Explicou-se que o exercício consistia nisso mesmo: ouvir para obter uma transcrição fonética estreita de três ficheiros áudio, transmitidos numa sala com boa acústica, sem ruído ambiente e com recurso a computador com colunas de som.

Contabilizaram-se os resultados conseguidos, seguindo o seguinte cálculo: 31 inquiridos x 3 gravações = 93 percepções totais, mas foram 31 parciais porque havia 1 para cada gravação. Do conjunto dos dados, observam-se de modo especial as vogais finais e átonas de “Porto” e de “Santo”, isoladamente, e depois como membros do composto lexical. Assim, do cômputo geral, obtiveram-se, para cada um dos elementos do topónimo composto, três possibilidades para essa vogal: com [u], com [ö] e sem vogal final. Para “Porto”, as percepções variaram para as três gravações, o que já era esperado, havendo, no entanto, um predomínio de [u] (cf. Quadro 3).

Quadro 3. Resultados perceptivos para a vogal final de “Porto”

Vogal final/ informantes	I03	I06	I36
Com [u] <o>	19	26	21
Com [ö] <e>	6	2	7
Sem vogal	6	3	3

Os resultados que constam do Quadro 3 são esclarecedores. A maioria dos inquiridos interpretaram a vogal final de “Porto” como a que a norma conhece, ou seja, com [u] <o> para as três realizações áudio (I03, I06 e I36). Das três realizações vocálicas, a que dá maiores certezas é a de I06 (26 inquiridos captaram um [u] final; 3 não identificaram nenhuma vogal e dois indicaram uma mudança de timbre para [ö] <e>). A que dá menos é a de I03 (19 transcreveram [u] e 12 uma das outras duas possibilidades: 6 optaram pela mudança de timbre e outros 6 pela inexistência de uma realização vocálica). Para I36, 7 inquiridos assinalaram [ö] e 3 registaram não haver qualquer vogal. Estes 10 inquiridos correspondem a 1/3, manifestando, assim, alguma falta de unanimidade perceptiva, embora a maioria tenha transcrito [u].

Relativamente à vogal em posição final absoluta, isto é, a de “Santo”, os dados divergem substancialmente dos contabilizados para “Porto”. É o que se pode comprovar no Quadro 4. Todavia, para a interpretação do ficheiro sonoro de I06, há alguma convergência interpretativa, já que 29 inquiridos indicaram que aquela vogal correspondia a [u] e apenas 2 a identificarem como [ö]. Não se passa o mesmo para o ficheiro áudio de I03, registando-se respostas variadas: 15 optaram por [ö]; 12 tenderam para [u] e 4 não assinalaram nenhuma vogal. Quanto à realização áudio de I36, uma larga maioria dos inquiridos (2/3) percebeu a vogal final de “Santo” como sendo um [ö]. Apenas 3 a captaram como [u] e 8 inquiridos não ouviram, naquela posição, nenhum fonema vocálico. Assim, a flutuação interpretativa devida à percepção é maior para I03 e menor para I06.

Quadro 4. Resultados perceptivos para a vogal final de “Santo”

Vogal final/ informantes	I03	I06	I36
Com [u]	12	29	3
Com [ö]	15	2	20
Sem vogal	4	0	8

Quando se cruzam os dados conseguidos no teste perceptivo para os dois elementos do composto lexical, os resultados confirmam uma análise interpretativa consistente para o áudio de

I06. Todavia, há uma considerável flutuação para I03 e I36. É, pelo menos, o que revelam os dados do Quadro 5.

Quadro 5. Resultados perceptivos “Porto Santo”

Vogais finais/ informantes	I03	I06	I36
portu'sētū	10	24	3
portō'sētō	6	0	7
port'sēt	1	0	2
portu'sētō	6	2	12
portu'sēt	3	1	6
portō'sētū	0	2	0
portō'sēt	0	0	0
port'sētū	2	2	0
port'sētī	3	0	1

Os resultados obtidos são variados. Para as articulações de I03 e de I36 há uma interpretação bastante desviante, sendo esta mais substancial para I03. A que pareceu oferecer menos dúvidas foi a de I36. O que terá originado estes dados? Provavelmente, a duração não será um dado a considerar, visto que é, sensivelmente, a mesma para as três WAVES, ou seja, o eixo do tempo indica 1s. Também não poderá ser a articulação, uma vez que as vogais átonas ocorrem ensurdecidas. Pensa-se, então, que poderá ser a forma como os falantes enquanto ouvintes (os inquiridos) percebem e interpretam o fenómeno fonético do ensurdecimento vocálico e os graus deste, já que pode ser parcial ou total, levando, tendencialmente, à queda (síncope ou apócope) vocálica.

Considerações finais

Conclui-se desses exercícios, que, ao ouvido, com frequência, não são perceptíveis tais variações, julgando-se estar sempre perante a mesma articulação, o que, como se constatou, não é o caso. Portanto, e retomando a relação que os falantes estabelecem entre a Fonética e a Ortografia, é necessário dizer que universitários da área das Letras com conhecimentos de transcrição fonética se deixam influenciar pelo conhecimento ortográfico que possuem. A escrita é bastante estática e a variação própria da fala não se manifesta a nível escrito. É o que os universitários tendem a transpor, maioritariamente, para a transcrição fonética, quando a começam a fazer. Deverá ajudar-se o estudante universitário a fazer um percurso contrário ao da

aprendizagem da escrita porque esta quase implica um esquecimento da oralidade, enquanto a transcrição fonética centra a atenção na fala e não na grafia. Para o estudante-transcritor, a aprendizagem escolar da ortografia condiciona a transcrição fonética realizada com base na audição, como que inviabilizando a percepção que pressupõe a (re)interpretação do sinal sonoro.

Assim sendo, a maioria dos estudantes universitários que aceitaram realizar o teste perceptivo parecem não conceber que <Porto Santo> possa grafar-se de modo diferente do da escrita ortográfica. É como se não admitissem que o significante pudesse vir a evoluir, influenciado pela variação existente a nível oral¹⁶. Pelos dados registados, esta hipótese nem é sequer equacionada. Além dos dados observados quanto às vogais átonas, isso é notório para as realizações consonânticas. Quase todos os transcritores mantiveram, por exemplo, [r] e [t] como tendo realizações sem qualquer fenómeno de ensurdecimento ou fricativização. Os espectrogramas revelaram estes fenómenos, mas os transcritores não os captaram. Crê-se que a escrita se sobrepôs à audição.

É evidente que, se a grafia de “Porto Santo” não “sofrerá” alterações, o mesmo não se passará com a ilha em si que tem vindo, progressivamente, a sofrer mutações¹⁷. É caso para dizer que o nome escrito poderá ficar, mas que a oralidade e a realidade linguística (cultural, geográfica, etc) mudarão com os tempos. No futuro, a ilha do Porto Santo não corresponderá em nada à ilha do imaginário juvenil *supra* esboçada. A população sofrerá várias modificações, mas continuará, decerto, a falar com grande variação, mesmo se não a captada. Os estudantes universitários que empreendem estudos fonéticos deverão, então, prestar maior atenção ao que se diz do que ao que se escreve. Ganhando esta sensibilidade e competência, serão capazes de valorizar a fala espontânea, mesmo em topónimos que conhecem bem, como é o caso de Porto Santo.

Referências

- BARBOSA, Jorge Morais, *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*, Coimbra, Almedina, 1994.
- BRANCO, Francisco de Freitas, “Porto Santo e o dia dos Santos”, in *Porto Santo. Registos Insulares*, Porto Santo, ed. do autor, 1995.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 1995.

¹⁶ As possibilidades articulatórias registadas fazem lembrar a formação do topónimo <Portugal> que, como é sabido, resulta de <Porto> e <Calem>.

¹⁷ Dentro de alguns anos, as paisagens contempladas poderão não ser as mesmas. Aliás, já não o são, sem moinhos e eiras. O campo de golfe é uma realidade. O número de hotéis está a aumentar. O casino idealizado não tardará a ser construído e os voos “charters” vão-se, com as férias, multiplicando. Poderá vir a ser um local cosmopolita, cheio de gente de várias proveniências durante todo o ano.

- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LIZARDO, João, “Algumas Representações de Dragoeiros na Arte Europeia na Transição dos sécs XV e XVI” in *Islenha*, nº 19, Funchal, DRAC, Julho-Dezembro de 1996, pp. 44-52.
- NEVES, Henrique Costa, “Porto Santo: a Vegetação Primitiva, Presente e Futura”, in *Islenha*, nº 6, Funchal, DRAC, Janeiro-Junho de 1990, pp. 117-123.
- REBELO, Helena, *O Falar do Porto Santo. Contribuição para o Estudo do Vocalismo e Algumas Considerações sobre o Consonantismo*, tese de doutoramento inédita, Universidade da Madeira, 2005.
- REBELO, Helena, “Porto Santo. Impressões Gerais e Linguísticas”, in *Revista Xarabanda*, nº 14, Funchal, Associação Musical e Cultural Xarabanda, 2003, pp. 16-22.
- SILVA, António Carvalho da e RIBEIRO, João Adriano, *Viagens Românticas na Ilha do Porto Santo, Notícias*, Funchal, Calcamar, 1998.
- VIEIRA, Alberto (coord.), FERNANDES, Abel Soares, JANES, Emanuel Janes e PITA, Gabriel, *História da Madeira*, Funchal, Secretaria Regional da Educação, 2001.
- WELLS, John e HOUSE, Jill, *The Sounds of the International Phonetic Alphabet*, UCL (University College London), London, Department of Phonetics and Linguistics, Listening Centre Office, 1995, booklet and cassette.

Recebido em 07/2014.

Aceito em 08/2014.